

A ausência como ponto de intersecção entre os poemas “Unidad” e “Ausencia de Joaquín” presentes na obra RESIDENCIA EN LA TIERRA 1 (1925-1935)

La ausencia como punto de intersección entre los poemas "Unidad" y "Ausencia de Joaquín" presentes en la obra RESIDENCIA EN LA TIERRA 1 (1925-1935)

VANESSA RUBIM

RESUMO

Considerando o contexto histórico de emergência das vanguardas latino americanas, no início do século XX, este ensaio toma como ponto de partida uma análise comparativa de dois poemas de Pablo Neruda, “Ausencia de Joaquín” e “Unidad”, que são parte da obra *Residencia en La Tierra 1 (1925-1935)*. Os poemas estão repletos de elementos que nos envolvem em uma atmosfera fúnebre e de enclausuramento, de modo que o sentimento de desespero, confusão e isolamento interno e externo é característica central do eu lírico em ambos os poemas. Elementos da natureza, como o mar, são metáforas utilizadas por Neruda a fim de intensificar a sensação de movimento repetitivo, que revela a busca incessante do eu lírico pelo sentido da vida, bem como o abismo, o qual, paradoxalmente, evidencia a queda e a ascensão. Todos esses pontos são destacados pela sonoridade impressa na construção poética. Em vista disso, a partir da análise individual e conjunta dos poemas em destaque, será analisada a questão da ausência como metáfora do infortúnio da vida, como parte de nós que não podemos nos desgarrar e como a realidade é a revelação mais cruel desta verdade solitária, que nos enclausura, que nos comprime, que nos deixa como observadores estáticos frente aos incidentes.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia vanguardista; Ausência; Simetria; Enclausuramento; Unidade.

RESUMEN

Al considerar el contexto histórico de emergencia de las vanguardias latinoamericanas, a principios del siglo XX, este ensayo toma como punto de partida un análisis comparativo de dos poemas de Pablo Neruda: "Ausencia de Joaquín" y "Unidad", que son parte de la obra *Residencia en La Tierra 1 (1925-1935)*. Los poemas están repletos de elementos que nos envuelven en una atmósfera fúnebre y de enclaustramiento, de manera que el sentimiento de desesperación, confusión y aislamiento interno y externo es característica central del yo lírico en ambos poemas. Los elementos de la naturaleza, como el mar, son metáforas utilizadas por Neruda para intensificar la sensación de movimiento repetitivo, que revela la búsqueda incesante del yo lírico por el sentido de la vida, así como el abismo, el cual, paradójicamente, evidencia la caída y la ascensión. Todos estos puntos son destacados por la sonoridad en la construcción poética. De este modo, a partir del análisis individual y conjunto de los poemas en destaque, será analizada la cuestión de la ausencia como metáfora del infortunio de la vida, como parte de nosotros que no podemos nos desgarrar y cómo la realidad es la revelación más cruel de esta verdad, que nos

encierra, que nos comprime, que nos deixa como observadores estáticos diante de los incidentes.

PALABRAS-CLAVE: Poesía vanguardista; Ausencia; Simetría; Enclaustramiento; Unidad.

Enclausuramento. Solidão. Ausência. A atmosfera que envolve alguns dos poemas de Neruda em *Residencia en la tierra* (1925 - 1935) apresenta, como em uma gradação, estas características, a ponto de nos fazer mergulhar nas mais profundas sensações. Os poemas traçam um panorama sombrio que se contrapõe à realidade. Não obstante, Neruda apega-se aos aspectos da natureza, como na repetição da evocação do mar, capaz de imprimir em nós o toque real e sonoro que emana de seu fazer poético. Nesta análise, os poemas “Unidad” e “Ausencia de Joaquín” serão o eixo de estudo mediante o conceito de ausência presente em cada um.

Há algo que circunda o eu lírico, que o rodeia, que o prende no início dos versos de “Unidad”. Os dois primeiros versos sugerem uma matéria compacta, dura, que é reforçada pela repetição dos fonemas dentais /d/ e /t/: “*Hay algo denso, unido, sentado en el fondo, repitiendo su número, su señal idéntica*”(grifos meus). Ao mesmo tempo em que temos a noção de algo rijo, firme, temos a sugestão do som como parte desencadeadora da presença de algo material que o leva e traz, que se insere neste contexto repetitivo. Os fonemas sibilantes [s] são constantemente reforçados, até que chegamos ao ponto em que sabemos que as águas do mar são responsáveis pelo movimento, como se as ondas quebrassem na areia da praia trazendo consigo elementos mínimos do que um dia já foi algo grande e denso. Neruda chama este algo de *sal y sueño*, trazendo elementos reais em sintonia com o onírico: “*Cómo se nota que las piedras han tocado el tiempo, / en su fina materia hay olor a edad, / y el agua que trae el mar, de sal y sueño*”.

A segunda estrofe se estabelece como algo paradoxal. A princípio, o eu lírico se insere no contexto de enunciação, no momento presente: “*Me rodea una misma cosa, un solo movimiento: el peso del mineral, la luz de la piel se pegam al sonido de la palabra noche*”. Além disso, temos a contraposição entre luz e trevas e o surgimento de elementos pertencentes à atmosfera fúnebre, que, aparentemente desprovidos de força maior, se fecham ao redor do eu-lírico, eliminando todas as possibilidades de saída: “*las cosas de cuero, de madera, de lana / envejecidas, desteñidas, uniformes / se unen en torno a mí como paredes*”.

O que não fica claro é se estes elementos são pertencentes à realidade ou se são construídos da mente do eu lírico, pois vão se somando de forma confusa. São unidades aleatórias, não aparecem de forma linear no poema e, portanto, não se ajustam a uma possível explicação; além disso, são envelhecidos, desgastados pelo tempo, não trazem a sensação de perspectiva diante do novo, mas comparam a degradação do espaço externo e a subjetividade do eu lírico. Tais matérias destacam a sensação de uma unidade imperfeita, pois denotam fragilidade, enquanto que, nos versos da terceira estrofe temos a menção do negro (na alusão ao pássaro “*corvo*”), das trevas, da noite, além do pranto/ “*llanto*” denotando uma angústia crescente. Considerando que no fim da primeira estrofe é sugerido o elemento onírico, a partir deste

ponto o poema se torna obscuro por completo, no sentido da impossibilidade de separar o que faz parte do ambiente externo, e, portanto, real, do que é característico da subjetividade.

A estrofe final do poema retoma, mais uma vez, a presença do eu lírico, que se instala novamente no momento presente. Esta repetição reforça a ideia de uma individualidade em meio a um espaço vazio. O verso se inicia desse modo: “*Trabajo sordamente, girando sobre mí mismo.*” O movimento cíclico sugerido pelo verbo girar no gerúndio evidencia o prolongamento de uma situação e o fato de que não há nada, além do próprio eu lírico, capaz de oferecer um sinal de esperança. No verso seguinte, o corvo é o animal em destaque, como metáfora da morte e do luto. Além destes fatores, é ainda mais sombria a sensação da infinitude desse sentimento de desesperança, de uma extensão que não pode ser revogada e que é silenciosa, aumentando a sensação de solidão interna e externa ao eu lírico: “*Pienso, aislado en lo extenso de las estaciones,/ central, rodeado de geografía silenciosa:/ una temperatura parcial cae del cielo,/ un extremo imperio de confusas unidades/ se reúne rodeándome.*”

A falta de perspectiva diante do porvir é o elemento mais contundente que nos leva à percepção da ausência e da solidão em toda a extensão do poema “Unidad”. Esta ausência interna é reforçada pelo sentimento desesperançoso, a percepção de um trabalho solitário que não leva a lugar nenhum. Ademais, o exterior, o leva e traz do mar ou os elementos que vão em direção a ele, podem ser interpretados como fragmentos que outrora se dissociaram de suas formas naturais e agora, em pedaços mínimos, buscam se reconstituir, tentando se unificar. O seu interior fracionado apenas se depara com a ausência e conseqüente solidão que o encerra.

Além desse encarceramento interno e externo, há uma contradição com relação à ideia de unidade. Todos os objetos se unem para encarcerar o eu lírico, mas até então são fragmentos, assim como o próprio eu-lírico é fragmentado. Em nenhum momento percebemos a menção da subjetividade lírica como algo sólido, condensado. Em todos os pontos este eu lírico é solitário e angustiado pela sensação do encarceramento, além do que, ele não se encontra em sua totalidade. Ele repete o seu número, gira em torno de si, num movimento repetido - tal qual o movimento do mar - na busca de sentido para a sua existência. Será possível encontrar esse sentido olhando de dentro para fora? O que será que pode reconstruir a subjetividade do eu lírico a fim de que possa haver harmonia entre ele e o meio em que se insere? Embora o exterior sugira que há uma unidade possível partindo da fragmentação – ao sugerir a união dos elementos - “*las cosas de cuero, de madera, de lana/ envejecidas, desteñidas, uniformes/ se unen em torno a mí como paredes*” – o eu lírico não encontra meios de se recompor, só há a ausência, solidão e a sua contínua tentativa obscura, na qual encontra o reverso da unidade que busca, e onde não pode se universalizar com o meio e nem consigo mesmo.

Esta experiência contraditória exprime as características mais fortes da obra de Neruda em vista do movimento vanguardista. Segundo Schopf (2000), *Residencia en la tierra* apresenta características de

...una experiencia contradictoria, y que el poeta no puede resolver entre su oscuro sentimiento de pertenencia a la naturaleza, entre su anhelo de comunicación y la más extrema sensación de aislamiento y extrañeza respecto a si mismo, la naturaleza y los otros hombres (SCHOPF, 2000, pág. 48).

Para além disso, considerando as características do eu lírico, podemos constatar em “Unidad” que ele é um vigia, que está atento ao que ocorre dentro e fora de si, que percebe os elementos da natureza ao seu redor e que quer se sentir parte disso, ou ao menos espera ser parte desta configuração. No entanto, encontramos apenas a “desintegração” do sujeito (SCHOPF, 2000, pág. 48), num movimento repetitivo e na interioridade incapaz de se reconstituir novamente, além do seu isolamento e estranheza diante do que o rodeia, diante de si mesmo.

Paralelamente à “Unidad”, Neruda traça um panorama mais claro sobre a percepção da ausência no poema “Ausencia de Joaquín” escrito por ocasião da morte do amigo Joaquín Cifuentes Sepúlveda¹. Nos versos iniciais já há um prelúdio de partida, no qual a visão do eu lírico contempla de longe a morte e a encara como algo triste e inevitável, no qual a vida é rompida bruscamente: “*Desde ahora, como una partida verificada lejos,/ en funerales estaciones de humo o solitarios malecones,/ desde ahora lo veo precipitándose en su muerte,/y detrás de él siento cerrarse los días del tiempo*” (grifos meus).

A repetição da expressão “*Desde ahora*” reforça esta ideia de prenúncio, pois a morte ocorre, mas antes disso o eu lírico a pressente. A sensação que se estabelece com relação ao amigo que está partindo é de que os dias o enclausuraram, se fecharam ao seu redor a ponto de o fazer chegar ao final de sua jornada, verificado no verso: “*y detrás de él siento cerrarse los días del tiempo*”. Também encontramos esta referência do enclausuramento em “Unidad”, porém relacionado à subjetividade do eu lírico. Agora a situação se inverte e uma segunda pessoa está relacionada a esta sensação. É um olhar de fora, que vê a angústia no outro e se reconhece, pois compreende qual a sensação de desesperança do amigo. Além desses fatores, a atmosfera que envolve o sentimento do eu lírico é fúnebre e solitária, realçada pela distância pela qual presencia o decorrer dos acontecimentos: “*Desde ahora, como una partida verificada lejos,/ en funerales estaciones de humo o solitarios malecones*” (grifos meus). Não há sequer como oferecer ajuda, pois a morte é um fator cruel e inevitável.

A segunda parte do poema nos traz o mar como ponto referencial no qual se precipita o sujeito que está morrendo. No entanto, este mar não é o mar natural. Nota-se que o poeta traça a tal figura como algo incerto, como águas de “*certo mar*”, de “*certo oceano*” em que se incide o sujeito apontado pelo eu lírico. “*Desde ahora, bruscamente, siento que parte,/ precipitándose en las aguas, en ciertas aguas, en cierto océano*”. O que se pode sugerir é que o mar aqui mencionado faz alusão ao mar dos mortos, o mergulho na escuridão daqueles que

¹NERUDA, Pablo. Residencia en la tierra 1 (1925-1931). Buenos Aires: Losada, 1966, p.23.

partem.

Transtornado pela morte brusca, o eu lírico alude ao peso que a consciência da perda lhe traz, pois através do golpe nas águas da morte, ouve-se um ruído paradoxal, um surdo ruído, silêncio e barulho que se contrapõem e o atingem internamente: “*y luego, al golpe suyo, gotas se levantan, y un ruido,/un determinado, sordo ruido siento producirse,/un golpe de agua azotada por su pés*”. As gotas que o atingem podem ser interpretadas como metáforas sobre os reflexos da partida do amigo, que de um lugar não identificado insistem em retornar e permanecer como lembrança dos dias passados: “*y de alguna parte, de alguna parte siento que saltan y/ salpican estas aguas,/ sobre mí salpican estas aguas, y viven como ácidos*” (grifos meus). Não se sabe o local de onde elas provêm, sua presença é sentida com desconforto, pois se instalam permanentemente no eu-lírico e vivem nele. A repetição da expressão “*de alguna parte*” ressalta a incerteza da procedência das gotas, e o fonema sibilante [s] encontra-se muito bem distribuído, ressaltando o som do salpicar das águas, além da sensação de acidez que produzem.

Na última estrofe, algumas características pessoais do amigo são postas em questão, como os atributos de ser sonhador e dotado de uma alma desobediente, ou seja, uma alma selvagem, dona do próprio destino, despreocupada. No entanto, essas características já não são mais vivas, se silenciaram e dormem com ele no mar dos mortos. A energia do amigo foi roubada sorratamente, e este cede lugar à morte que encerra as suas paixões, os seus sonhos, a sua desobediência. “*Su costumbre de sueños y desmedidas noches/ su alma desobediente, su preparada palidez,/ duermen con él por último, y él duerme*”.

Nos dois últimos versos o eu lírico retoma o mar, agora sem titubear quanto a sua presença, pois não são mais águas incertas, mas é concreto, o mergulho para o abismo é certo e se destaca na projeção do amigo frente a ele. No mar dos mortos tudo se dissolve e se perde, pois já não há mais vida, não há mais luz, não há saída, pois a morte é certa, é iminente e está concretizada no adormecer eterno do amigo, no adormecer de sua personalidade. Tudo se desmembra, desaba, afunda. Esta ideia de profundo nos faz perceber cada vez mais a dimensão escura, densa e funda que a morte faz emergir, como se um peso estivesse sendo lançado em meio às águas e seguisse sem parar rumo ao fundo do oceano desconhecido: “*porque al mar de los muertos su pasión desplómase,/ violentamente hundiéndose, fríamente asociándose*”.

O tom fúnebre do poema remete à sensação do eu lírico da inconformidade com a ausência de Joaquín. Não há saída para este sujeito tão enérgico que teve a sua vida interrompida repentinamente, além do que, não há possibilidade de ajuda para quem observa de fora e de longe a chegada do inimigo que ceifa a vida. Como elemento inevitável, a morte não é contestada, apenas se descreve a sensação de quem observa exteriormente, de quem presente a sua chegada e que a vê agir sorratamente e subitamente. As gotas de água mencionadas podem ser vistas como metáfora da memória relacionada à lembrança da partida do amigo,

que insiste em visitá-lo e lembrá-lo da falta da presença do outro, além do que o lembra que um dia ele também estará no mesmo lugar, pois o ácido ao qual elas se referem é nada mais do que a perturbação da lembrança da morte como acontecimento inevitável a todos. A ausência, neste caso, machuca e faz reconhecer as próprias limitações do eu lírico.

É interessante notar em “Ausencia de Joaquin” que Neruda trabalha dois pontos muito singulares: a queda do sujeito rumo à morte e o olhar do eu-lírico. Patruno (2011) afirma que os aspectos de ascensão e queda são repetitivos em *Residencia en la tierra*, assumindo assim uma relação de “retórica dos opostos”. Em “Ausencia de Joaquin” esses aspectos se estabelecem da seguinte forma: a morte funciona como um pedra amarrada ao pescoço, que primeiro atinge o amigo e depois paralisa aqueles que observam; depois empurra o sujeito para o abismo, para a escuridão inevitável, salpicando o observador com as gotas ácidas. O corpo cai e as gotas se levantam. Queda e ascensão. Peso (do corpo que cai) e leveza (das águas que salpicam). Barulho e surdez (quando menciona o ruído surdo das águas que se espalham devido ao golpe do corpo do amigo ao mar).

ALGUMAS SIMETRIAS ENTRE “UNIDAD” E “AUSENCIA DE JOAQUÍN”

Um dos pontos principais que circunda os dois poemas de Neruda é, sem dúvida, a questão do olhar. Em ambos os poemas temos um eu lírico que observa atentamente o seu exterior, e que muitas vezes, como em “Unidade”, também faz vistas à sua subjetividade. A percepção do olhar, em ambos os poemas, é de um distanciamento dos acontecimentos, até que eles tomem a forma mais próxima do eu-lírico. No início de “Unidade”, o eu lírico percebe “*algo denso*”, que está unido, que sugere uma constante repetição. Em “Ausencia de Joaquín” a partida do amigo é pressentida, a morte é vista a partir dos dias que se encerram ao redor, que se aproximam de Joaquín, que o levam para a morte. Há uma impotência nas ações do eu lírico nos dois poemas, pois ao considerar sua postura frente a essas situações e a paralisia com que se encerra, percebemos a falta de iniciativa, o seu constante enclausuramento interno. Tal qual afirma Patruno (2011), citando Hernán Loyola, o núcleo que configura o sujeito de *Residencia en la tierra* “está conformado por la actitud detenida de quién ‘observa, distingue, registra” (PATRUNO, 2011, pág. 221).

O segundo ponto que podemos considerar como similar entre os poemas é a contradição. Os dois poemas se inserem em uma esfera que abrange o trabalho com os opostos: em “Unidad” temos a união de elementos fragmentados que encarceram o sujeito, mas ao mesmo tempo temos a inversão desses aspectos, pois o interior do eu lírico não está condensado, e sim partido, sem possibilidades de se encontrar, de se universalizar com o meio externo. Em “Ausencia de Joaquín” a morte encerra o fragmento violento da realidade. Não se pode fugir dessa verdade, é preciso encará-la. A partida do amigo leva consigo uma parte do eu lírico, o parte por dentro e ao mesmo tempo deixa a lembrança amarga da perda. Além disso,

encontramos os opostos na queda do amigo ao morrer, que afunda profundamente nas águas da morte, em vista das águas que salpicam e atingem o eu lírico. Queda e ascensão. Em “Unidad”, não tão evidente quanto em “Ausencia de Joaquín”, ao final do poema o verso “*una temperatura parcial cae del cielo*”, nos evidencia com clareza o alto e o baixo, a queda e a ascensão, pois o céu é o que encerra no alto, e o que cai dele encontra-se no baixo. Em um único movimento, como se o eu lírico estivesse observando o céu, temos o encontro desses dois pólos: o olhar que se eleva e a temperatura que cai rodeando o eu lírico.

Outro aspecto interessante voltado à questão da “retórica dos opostos” é a ausência como elemento intrínseco a ambos os poemas. O eu lírico se encontra em sua mais profunda solidão e isolamento. Como tudo ao seu redor e dentro de si se desintegra, o eu lírico não vê meios de apartar-se deste sentimento. Tudo se vai e deixa o sabor amargo da lembrança, não há nada que encontrar ao seu redor, não há perspectiva, pois as suas ações giram em torno de si mesmo, num movimento repetitivo e melancólico. Por mais que haja uma unidade que é evocada, ela não existe, pois tudo tende a se estilhaçar, a se partir, desde os elementos externos até o próprio interior do eu lírico.

Deste modo, Neruda traça em “Unidad” e “Ausencia de Joaquín” a busca por algo no mundo real, mas que não se presentifica. Tal qual evidencia Patruno (2011, p. 232) “el mundo que presenta Neruda es ‘un mundo extinguido, un universo en donde ‘la vida está curiosamente ausente’”. A ausência é o infortúnio da vida, e a realidade evidencia esta verdade do modo mais dolorido, pelo enclausuramento externo, pela solidão interna e vice-versa.

Referências bibliográficas

BÜRGER, Peter. *Teoria da Vanguarda*. 1974. São Paulo: Cosac&Naify, 2008.

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas, 1993.

CONCHA, Jaime. En torno a las residencias. In: *Revistas de estudios públicos*, n.94. Centro de Estudios Públicos. Santiago del Chile. 2004. p. 48-69.

LOYOLA, Hernan. *Pablo Neruda: Ser y morir*. Chile: Actas V. Aih., 1974.

NERUDA, Pablo. *Residencia en la tierra I (1925-1931)*. Buenos Aires: Losada, 1966.

SCHOPF, Federico. “Deslinde de la noción de vanguardia” e “El vanguardismo poético en Hispanoamérica”. In: *Del Vanguardismo a la antipoesía. Ensayos sobre la poesía en Chile*. Santiago: LOM, 2000. P. 13-54.

VERANI, Hugo. “Estrategias de la vanguardia”. PIZARRO, Ana org. In: *Palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial/Unicamp, 1995. 75-88.